

Filme e interculturalidade na sala de aula de língua inglesa

Laiz Munire Sales Costa¹

RESUMO: Com a internacionalização do inglês, sua influência atinge comunidades linguísticas onde esse idioma não é a língua materna. A globalização possibilitou que a língua se difundisse por todo o mundo. Nesse contexto, o professor de língua estrangeira, principalmente o de inglês, precisa dar suporte aos seus aprendizes para perceber e compreender as diferenças culturais de modo a desenvolver as competências linguística e cultural. Música, vestuário, filmes, valores e formas de comportamento são alguns exemplos de elementos difusores culturais. A associação de imagem e som nos filmes permite a observação de aspectos culturais e linguísticos, os quais podem ser trabalhados em sala de aula e servir como fator desencadeador da competência intercultural no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Ao elaborar as atividades, o professor necessita estar atento para perceber e saber explorar esses elementos tanto linguísticos, como culturais no seu planejamento para que os alunos percebam as diferenças de valores e comportamentos de outras culturas, habilitando-os a interpretar e compreender essas distinções. Os temas precisam propiciar a reflexão sobre a cultura estrangeira e a sua própria. Para tanto, é importante escolher o material adequado que possibilite a intervenção e reflexão do aluno, convidando-o a interagir e a emitir opiniões de forma crítica.

Palavras-chave: Língua e cultura; Interculturalidade; Competência intercultural crítica.

ABSTRACT: With the internalization of English, its influence reaches language communities where that idiom is not the mother tongue. Globalization has enabled the language to be disseminated all over the world. In this context, the teacher of foreign language, especially English, need to help their learners to notice and comprehend the cultural differences in a way to develop linguistic and cultural competences. Music, clothes, movies, values and forms of behavior are examples of cultural elements diffusers. The combination of image and sound in the films allows the observation of cultural and linguistic aspects, which may be worked in the classroom and serve as a triggering factor of intercultural competence in the process of teaching and learning of English. When creating activities, teachers need to be aware of perceiving and knowing how to explore these elements both linguistic and cultural in their lesson planning so that students understand the differences of values and behaviors of other cultures, enabling them to interpret and understand these distinctions. The themes need to promote reflection on the foreign culture and their own. Therefore, it is important to choose the suitable material that allows the intervention and student reflection, inviting them to interact and express opinions in a critical way.

1 Mestranda em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) na linha de pesquisa Estudos de Tradução Cultural e Intersemiótica. Artigo baseado em monografia entregue como Trabalho de Conclusão de Curso pela União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME).
laizmunire@yahoo.com.br

Keywords: Language and culture; Intercultural; Critical intercultural competence.

INTRODUÇÃO

Os aprendizes de língua inglesa deparam-se com a realidade de não só aprender o idioma, mas de engajar-se na sua complexidade linguística e cultural. A língua-alvo revela a cultura de indivíduos que possuem identidades e costumes diferentes das do aprendiz. “A língua inglesa, que era uma língua nacional nos séculos XVI e XVII, tornou-se língua imperial nos séculos XVIII e XIX e, por fim, língua mundial durante a segunda metade do século XIX” (Breton, 2005, p.14). Assim, de acordo com Breton, primeiramente o inglês restringia-se aos países onde a língua era materna, mas ao longo dos anos foi crescendo mundialmente, sendo considerada língua comercial para a intermediação de relações comerciais, expandindo-se, aos poucos, e influenciando, de alguma forma, as comunidades linguísticas onde o idioma não é a língua materna.

Deste modo, no processo de ensino e aprendizagem, destaca-se a importância do professor em possibilitar aos seus alunos não só conhecimentos linguísticos, mas também culturais para que possam interagir com interlocutores de diferentes comunidades linguísticas. Esses conhecimentos culturais podem ajudar os aprendizes a desenvolver-se de forma mais efetiva na sua relação com outras línguas e culturas. Então, o desenvolvimento da competência intercultural do aprendiz o habilitaria a compreender o lugar que ocupa em uma sociedade como representante de uma cultura, língua ou país, bem como torná-lo tolerante às diferenças, aceitando e respeitando estilos de vida e padrões de comportamento que não se assemelhem aos seus.

O uso de filmes é um instrumento que pode beneficiar o professor para desenvolver tais competências juntamente com os seus alunos. Os elementos culturais transmitidos por filmes podem envolver os alunos no despertar da consciência cultural crítica. Assim sendo, o professor necessita elaborar atividades de modo a favorecer a discussão sobre os fatores culturais, levando seu aluno a também perceber sua realidade reflexivamente, todavia se o professor não trabalha os aspectos culturais, sua aula ficará limitada aos aspectos linguísticos, perdendo a oportunidade de promover discussões e reflexões a partir do uso desse recurso.

1 INTERCULTURALIDADE

A língua inglesa, conforme Crystal² (1997 apud MCKAY, 2000), apresenta-se como língua mundial, o que significa que o inglês não é falado apenas como língua materna, mas também por falantes cujos países adotam o inglês como língua oficial e ainda por falantes que o adquirem como língua estrangeira. Portanto, a expansão desse idioma vem crescendo universalmente, penetrando em diversas culturas e grupos sociais o que lhe proporciona o *status* de língua internacional. Smith³ (1976 apud MCKAY, 2000, p.7) define a “língua internacional como aquela que é usada por pessoas de diferentes nações para comunicar-se entre si”. Assim, ao adquirir essa condição, a língua torna-se desnacionalizada, ou seja, não pertence a um determinado país ou cultura. Logo, o aprendizado do inglês não precisa estar focalizado nas suas duas matrizes, Inglaterra e Estados Unidos.

Sob esta perspectiva, o ensino do inglês como língua internacional não está diretamente ligado a uma determinada nação ou grupo social, mas serve como instrumento de comunicação e de interação entre diversas comunidades culturais. Dessa forma, é necessário que o ensino da cultura esteja em consonância com o ensino de língua estrangeira, pois é preciso perceber as diferenças e adotar atitudes toleráveis frente às diversidades culturais.

Neste contexto, a questão da interculturalidade vem se fazendo presente e sendo discutida internacionalmente, visto que, em 1992, realizou-se a Conferência Internacional da Educação em Genève, onde os Ministros de Educação aceitaram como definição de interculturalidade “o conhecimento e a apreciação de diferentes culturas e o estabelecimento de relações de trocas positivas e de enriquecimento mútuo entre os elementos das diversas culturas, tanto no interior de um país como no mundo” (Conselho da Europa, 1994, p.8 apud FREITAS, 2006). Competência intercultural, portanto, define-se

² CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1997.

³ SMITH, L. English as an international auxiliary language. **RELC Journal**, 7(2).

pelas atitudes, valores, condutas e práticas de um sistema organizado que programa um grupo de indivíduos para que estes trabalhem com eficácia no diálogo de culturas. É a capacidade de fazer respeitar crenças, língua, estilo, normas e condutas de pessoas e suas famílias (MCHB, 1999 apud GOODE, 1999)⁴.

Assim, o professor de línguas tem papel importante no desenvolvimento da competência intercultural do aprendiz na sala de aula.

1.1 QUESTÕES INICIAIS

O movimento dos Estudos Culturais foi se formando ao longo das décadas de 40 e 50 e, na década de 70, já estava praticamente constituído. Richard Johnson⁵ (apud SILVA, 1999) afirma que as discussões sobre esse movimento receberam influências de Karl Marx no que diz respeito às formações de classe. A partir daí, incluem-se três premissas principais as quais estão relacionadas aos processos culturais cujas relações sociais vinculam-se também às divisões sexuais, à estruturação racial e às opressões de idade; bem como poder que contribui na produção de assimetrias no que diz respeito à satisfação dos indivíduos quanto às suas necessidades. A terceira premissa coloca a cultura como um local de diferenças e de lutas sociais.

Assim, pode-se pensar que os Estudos Culturais giram também em torno do estudo da cultura e as suas formações sociais. Esses estudos difundiram-se em todo o mundo no intuito de se estudarem os movimentos sociais na contemporaneidade, contudo, os Estudos Culturais não se tornaram uma disciplina própria. É um campo de estudos que intersecciona com as diversas disciplinas que têm como estudo os aspectos culturais.

No que se refere ao ensino de línguas, Michael Byram (1987) aponta que os Estudos Culturais fazem parte do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira

⁴ Maternal and Child Health Bureau (MCHB), Guidance for SPRANS Grant, Health Resources and Services Administration. Department of Health and Human Services, USA, 1999.

⁵ JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

porque o ensino de língua-cultura demanda a aquisição de conhecimentos que devem englobar as competências linguísticas e culturais cujo desenvolvimento precisa atender às necessidades do aprendiz. Geertz⁶ (1975, p.89 apud BYRAM, 1987, p.43) define cultura como *“an historically transmitted pattern of meanings embodied in symbols, a system of inherited conceptions expressed in symbolic form by means of which men communicate, perpetuate and develop their knowledge about and attitudes towards life”*⁷.

Erickson⁸ apresenta duas acepções de cultura,

Cultura invisível é aquela aprendida e ensinada inconscientemente. Dessa forma, nem os indivíduos que pertencem a esta cultura têm consciência de que certos aspectos de sua cultura existem. À medida que usamos cultura em nossa vida diária, ela torna-se habitual. Nossos hábitos tornam-se, em grande parte, invisíveis para nós mesmos. Assim, a cultura move-se para dentro e para fora da nossa consciência. Nós não pensamos muito sobre a estrutura e características da nossa cultura quando a vivemos. Aspectos da comunicação relacionados à cultura invisível incluem suposições sobre modos de polidez, razões de falar, tópicos de interesse, diferenças de cultura e proximidade, entre outros. A cultura visível, por sua vez, é bem mais fácil de ser identificada. Refere-se a aspectos explícitos como formas de vestir, a língua utilizada, tipos de comida, habitação, fatores geográficos e climáticos, entre outros. (1997, p.33 apud SARMENTO, 2004, p.241-242)

Pode-se entender, a partir desses dois fragmentos destacados, de que forma a cultura está presente no dia-a-dia das pessoas, por isso, muitas vezes, não se tem consciência das atitudes e comportamentos culturais. A sua visibilidade e invisibilidade são transmitidas e perpetuadas pelos homens, no entanto a simbologia cultural e os aspectos intrínsecos não são pensados reflexivamente. Assim, os aspectos produzidos dentro da própria cultura podem, algumas vezes, não ser tão perceptíveis aos próprios olhos, então se faz necessário torná-los estranhos, isto é, distanciá-los para que possam ser ponderados. Deste modo, o familiar torna-se estranho ao passo que há a meditação sobre os produtos e os indivíduos que fazem parte da sua própria cultura.

⁶ Geertz, C. (1975). **The Interpretation of Cultures**. New York: Basic Books, 1975.

⁷ Um padrão de significados historicamente transmitido personifica-se em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressadas de forma simbólica por meios com os quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e atitudes em relação à vida. (tradução minha)

⁸ ERICKSON, F. **Culture in society and in educational practice**. 1997.

A partir das reflexões sobre cultura e seus componentes, pode-se capacitar o aprendiz de línguas a avaliar criticamente suas práticas e atitudes, bem como as outras culturas e seus produtos como, por exemplo, música, filmes, vestuário, etc. através do desenvolvimento da consciência intercultural, que consiste em habilitar os aprendizes a perceber a sua própria cultura e como é vista por outras comunidades linguísticas, bem como interpretar e compreender as diferenças culturas existentes (ROSE, 2003). Essa consciência intercultural, no ensino de línguas, pode ser adquirida através da interpretação das atitudes, valores e comportamentos presentes na cultura do 'outro' o que habilitará o aluno a refletir sobre a sua própria cultura.

Evidencia-se, deste modo, a relevância dos Estudos Culturais no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira, visto que o aprendiz, ao desenvolver-se interculturalmente, estará acolhendo valores, comportamentos e atitudes da cultura através da aquisição linguística. Faz-se necessário que a competência intercultural seja desenvolvida ao mesmo tempo que a competência linguística, pois somente assim a consciência intercultural crítica do aluno poderá ser ampliada.

1.2 DIMENSÃO INTERCULTURAL

O aprendizado de uma língua estrangeira envolve, necessariamente, conhecimentos sobre a língua alvo e sua cultura como crenças, valores e formas de comportamento, entre outros. Esses aspectos surgem, algumas vezes, inconscientemente na sala de aula, dessa forma o professor através de uma postura crítica assume o importante papel de ajudar os seus alunos a interpretar esses elementos no processo de aquisição linguística. Assim, é preciso aprofundar os conhecimentos sobre 'interculturalidade' cujo desenvolvimento capacita os alunos a tornarem-se "falantes e mediadores capazes de lidar com a complexidade e múltiplas identidades, evitando os estereótipos advindos da percepção do outro através de uma identidade única" (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002 apud SIMIONE, 2005, p. 17)⁹.

⁹ BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. **Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers**, 2002.

Para eles, desenvolver a dimensão intercultural no ensino de línguas envolve o reconhecimento dos seguintes objetivos: proporcionar aos aprendizes meios de ampliar a competência intercultural assim como a competência linguística; prepará-los para a interação com pessoas de outras culturas; habilitá-los a entender e aceitar as pessoas de outros grupos culturais como indivíduos com perspectivas, valores e comportamentos diferentes; e auxiliá-los a enxergar que tal interação é uma experiência enriquecedora (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002). Assim, a partir do desenvolvimento da competência cultural, aprendizes e professores podem estar engajados na complexidade e na multiplicidade de identidades no intuito de evitar estereótipos e entender as diferenças entre as diversas comunidades culturais. Entende-se que, ao longo da história da civilização, cultura e seus indivíduos mudam os seus modos de comportamento e visões de mundo, pois cultura não é algo estático. Dessa forma, a competência intercultural nunca será completa devido à dificuldade de acompanhar as constantes mudanças, bem como abarcar as múltiplas expressões culturais em todo o mundo.

A competência intercultural possui alguns componentes apontados por Byram, Gribkova e Starkey (2002). Esses componentes são conhecimento, atitude e habilidade de interpretar e de relacionar sua cultura em confronto com a do outro, com o objetivo de desenvolver a consciência cultural crítica. O primeiro remete ao conhecimento sobre os grupos sociais e seus produtos na interação social e individual de sua própria sociedade. O segundo compreende a atitude intercultural que consiste na abertura e curiosidade para considerar a diversidade nos valores, crenças e comportamentos de outros grupos culturais, ou seja, o indivíduo adota um posicionamento de descentralização, pois passa a observar outras formas possíveis e naturais de expressão social. O terceiro componente, a habilidade de interpretar e de relacionar, diz respeito à capacidade de compreender eventos de outra cultura para pensar sobre a sua própria cultura. Esses componentes podem promover reconhecimento e respeito aos homens, tratando-os igualmente no que se refere aos direitos humanos baseados em uma interação social democrática.

Assim, entende-se que o professor pode contribuir em guiar o desenvolvimento dessas habilidades, atitudes e conhecimento com o objetivo de conduzir o seu alunado ao despertar da consciência cultural crítica de modo que possam reconhecer a diversidade cultural e passem a refletir sobre a sua própria cultura ou a de seu país.

1.3 REALIDADE BRASILEIRA

Sabe-se que o Brasil é um país continental, pois o seu território é muito extenso e, em decorrência disso, a diversidade cultural é grande devido aos inúmeros sotaques e línguas constituídos por 180 línguas nacionais (indígenas), 30 línguas de imigrantes, 02 línguas de sinais, além da língua oficial, o português¹⁰. A heterogeneidade linguística foi formada, na sua história, pelas influências populacionais e culturais o que acarreta costumes, crenças, vestuário, culinária, etc. herdados dos diversos grupos étnicos que colonizaram o país, e também das características de cada região.

Assim, observa-se que existe uma grande diversidade linguística e cultural dentro do nosso país. Todavia, muitas vezes, estereótipos são criados a partir de generalizações feitas a um determinado grupo social, as quais nem sempre correspondem à verdade. Imagina-se, pois, que todos os ingleses bebem chá, ou mesmo que todos os americanos bebem Coca-Cola (TOSTA, 2004). Porém, não é preciso sair da dimensão brasileira para observar as diferenças culturais. No Brasil, percebe-se uma multiplicidade de grupos sociais com hábitos e costumes diferenciados em todo o país. Dizer que os baianos são preguiçosos, que os cariocas são malandros, ou que os paulistas são arrogantes, etc. são estereótipos que atribuem ideias generalizadas e errôneas sobre determinados grupos sociais.

Sabe-se, porém, que essas ideias referem-se, na maioria das vezes, a valores negativos. Portanto, é importante trazer questões como essas para a sala de aula com o objetivo de que os alunos percebam as suas ideias estereotipadas, compreendam as diferenças e adotem atitudes que facilitem a interação com os diversos grupos sociais e culturais. Discussões sobre os nossos próprios aspectos culturais como, por exemplo, samba, mulata, carnaval, corrupção e praia, etc. podem ser desenvolvidas de modo a promover reflexões sobre elementos próprios da cultura brasileira.

1.4 PAPEL DO PROFESSOR

¹⁰ Informação obtida em minicurso na Universidade Federal da Bahia, em julho de 2004. (SIMIONE, 2005, p.7.)

Sob essa perspectiva, é preciso, então, pensar sobre a postura do professor em sala de aula frente à consciência intercultural dos pontos mencionados. Segundo Byram, Gribkova e Starkey (2002), o que um professor de línguas precisa para a dimensão intercultural não é apenas possuir conhecimento sobre outros países e culturas, mas também ter a habilidade de promover uma atmosfera em sala de aula que permita aos aprendizes se arriscarem nos seus modos de pensar e sentir. Tais habilidades poderão ser melhores adquiridas na prática e na reflexão sobre a experiência. O papel do professor de língua, dessa forma, está em ajudar seus alunos a desenvolver suas habilidades, atitudes e conscientizá-los dos valores à medida que tomam conhecimento sobre uma cultura ou país em particular (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002).

A elaboração de atividades que possam evidenciar fatores interculturais¹¹ não é impossível, apesar de parecer difícil. O professor não precisa ser nativo ou um *expert* na cultura estrangeira para ajudar os seus alunos na inter-relação com outras culturas. O seu papel está no planejamento e na condução de atividades que permitam aos alunos fazerem perguntas cujas respostas sejam discutidas na sala de aula com a finalidade de construir a consciência intercultural crítica.

Os tópicos culturais abordados nas aulas não precisam estar desvinculados dos linguísticos, mas ambos podem ser explorados conjuntamente, ou seja, integrados nos mesmos planos de aula. Fotos, ilustrações, apresentações de diálogos e debates, lições e atividades encontradas nos livros didáticos, etc. podem constituir pontos de conhecimento, percepção e reflexão. Ao tratar sobre comidas e hábitos alimentares de uma região, por exemplo, o professor pode explorar os aspectos lexical e cultural em uma mesma atividade.

Com o objetivo de desenvolver a competência intercultural, o professor pode planejar atividades as quais habilitem os seus alunos a discutir para que cheguem a conclusões a partir de suas próprias experiências na aquisição da língua estrangeira. Modos de vida, padrões de comportamento, etc. de outras culturas podem ser elementos a serem considerados em uma análise comparativa frente à realidade dos alunos.

11 São eles: conhecimento sobre grupos sociais e seus produtos, habilidade e atitude citados anteriormente.

Byram, Gribkova e Starkey (2002) apresentam algumas estratégias cuja execução pode incluir simulações e *role-play* e seleção nos tópicos para discussão. As questões levantadas nestas discussões, entretanto, não podem ditar respostas certas ou erradas, mas sim propor reflexões aos alunos para que percebam as similaridades e as diferenças entre sua cultura e a do outro. Essas atividades devem levar em consideração as experiências de aprendizado dos alunos na apreensão da língua e cultura estrangeira. A reflexão e a comparação intercultural poderão contribuir para que os alunos sejam mais tolerantes às diferenças.

Os autores acima também defendem o uso de materiais autênticos, ou seja, oriundos da língua-cultura alvo a ser estudada porque, segundo eles, a utilização desses materiais garante aos alunos o entendimento do contexto e da intenção dos falantes. Contudo, hoje em dia, o posicionamento sobre a autenticidade dos materiais utilizados em sala de aula está sendo muito discutido. Alguns autores pensam que esses materiais devem ser de origens diferentes com perspectivas diferenciadas, pois podem trazer contextos diversos em que a língua é falada. As disparidades nas suas origens permitem a contraposição dialectológica, cultural e de visões de mundo, pois mostram a multiplicidade linguística e cultural existente dentro de uma mesma língua. Assim, pensando no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, os aprendizes podem comparar e analisar esses materiais de forma mais crítica, o que pode ser expandido através de atividades, elaboradas pelo professor ou até pelos alunos, que envolvam música, literatura, novas tecnologias, artes plásticas, cinema, etc.

1.5 O USO DE FILMES

Os filmes ou vídeos na sala de aula podem ser trabalhados de várias formas. Jeremy Harmer (2002) justifica o uso desses recursos para adicionar experiências de aprendizado enriquecedoras. Assim, podem ser empregados na observação da língua em uso, no despertar da competência intercultural, no poder de criação dos alunos em comunicar-se na língua estrangeira e na motivação em aprender a língua-alvo. Todavia, o professor precisa estar atento aos seus objetivos didáticos, na seleção dos filmes e no tempo disponível no momento de planejar a utilização de tal recurso na sala de aula (CRUZ, 2004).

Com relação ao uso de filmes no desenvolvimento da competência intercultural dos aprendizes de língua inglesa, a adoção de filmes possibilitará aos alunos a percepção de outros grupos culturais com valores, crenças e comportamentos diferentes através da imagem cinematográfica. O planejamento da atividade pelo professor deve preparar os alunos para analisar, discutir e interagir de forma a entender e aceitar outras expressões culturais as quais podem estar implícitas ou explícitas, o que dependerá do professor para orientar as discussões na administração da atividade. A partir da percepção e reflexão sobre a cultura do outro, o aluno poderá pensar sobre a sua própria cultura, ou seja, a construção da própria identidade cultural, que, por consequência, desencadeará atitudes de aceitação e tolerância e a exclusão de estereótipos.

As atividades como filmes, por exemplo, em uma perspectiva intercultural, possibilitam a discussão e a interação sobre temas, sugeridos por Byram, Gribkova e Starkey (2002), que podem incluir os direitos humanos, igualdade, dignidade, gênero, preconceito, estereótipo, racismo, minorias étnicas e nomes de grupos étnicos, incluindo grupos brancos. As discussões compartilhadas pelos alunos necessitam estar baseadas na compreensão dos direitos humanos e no respeito pelo outro. Assim, as ideias estereotipadas e os sentimentos preconceituosos serão desafiados, mas o professor precisa garantir que as reflexões não atinjam o nível individual (BYRAM; GRIBKOVA; STARKEY, 2002), ou seja, as questões levantadas devem ser confrontadas sem ferir os sentimentos e a autoestima das pessoas. A competência intercultural do aluno pode ser desenvolvida na medida em que este perceba, analise e tome atitudes que promovam a mudança no seu relacionamento com pessoas da mesma ou de outras comunidades culturais na sua vida diária.

O professor, ao planejar a utilização de um recurso cinematográfico, precisa estar atento para observar as questões sobre a língua-cultura estrangeira, bem como sobre a nacional. Os temas citados anteriormente por Byram, Gribkova e Starkey (2002) podem ser explorados a partir de cenas de filmes a serem exibidos em sala de aula. Assim, o professor pode encorajar os seus alunos a tornarem-se melhores observadores nos pontos culturais de forma a desenvolver a competência intercultural, preparando-os para serem mais tolerantes com o outro a fim de que aceitem as diferenças, evitando, pois, os estereótipos.

Dessa forma, o professor necessita estar constantemente avaliando sua prática pedagógica, pensando reflexivamente sobre os critérios na seleção das atividades e dos recursos levados para a sala de aula. Com relação aos filmes, o professor deve planejar atividades com intervenções que promovam a exploração dos aspectos linguísticos e culturais. Os assuntos culturais abordados podem envolver os alunos na percepção e compreensão, por exemplo, dos estereótipos e dos preconceitos, compreensão das diferenças de comportamento, de hábitos, de costumes e de religiões.

As atividades¹² podem englobar as competências linguística e intercultural, as quais incluem *warm up*, desenvolvimento e conclusão. Essas três etapas da atividade constituem uma estrutura para se trabalhar as quatro habilidades comunicativas de forma integrada, adicionadas pelo componente intercultural. O *warm up* busca os conhecimentos prévios dos alunos acerca do filme a ser exibido, caso eles já tenham assistido. Se eles não possuem informação sobre o filme, há algumas perguntas, no material distribuído, que podem guiar na discussão sobre o tema a ser abordado. Assim, nessa etapa, os alunos podem relatar opiniões sobre o filme e ideias gerais sobre o assunto, além de prepará-los para a etapa seguinte.

A próxima etapa é a apresentação da cena selecionada. Durante a exibição da cena, os alunos são solicitados a tentar compreender o vocabulário, contextualizando-o com a situação exposta através da atuação dos atores, da fotografia, enfim, todo aspecto visual provido pela imagem. No material distribuído, podem constar algumas perguntas que buscam o entendimento em relação a expressões idiomáticas, ou qualquer outro vocabulário que enriqueça o léxico do aluno. Em pares, ou em grupos de três, os alunos discutem a cena assistida que pode ser passada mais de uma vez para que a compreensão seja facilitada. Após a discussão e comparação das respostas dadas pelos alunos, há a conclusão que os guia a refletir sobre a sua realidade, enquanto indivíduos e participantes de uma determinada cultura. Os aprendizes emitem opiniões que podem ser confrontadas pelos outros aprendizes ou mesmo pelas suas ideias emitidas anteriormente.

¹² Essas atividades foram preparadas pela pesquisadora e por sua, então, orientadora Prof. Ms Marta Simione, em 2006, no Núcleo de Idiomas da União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME), que atende a comunidade unimiana a partir dos níveis intermediário e avançado.

Como exemplo, uma atividade pode ser desenvolvida a partir do filme “Albergue Espanhol¹³” porque promove discussões sobre estereótipos e generalizações que muitas pessoas possuem sobre outras culturas, ou mesmo sobre a sua própria. No *warm up*, os alunos são interrogados sobre o seu conhecimento acerca das culturas inglesa, alemã e italiana. Eles emitem opiniões sobre o assunto que, geralmente, são ideias generalizadas sobre as culturas desses países. Os ingleses são pontuais e tomam chá às 5 da tarde, os alemães são frios e sérios e os italianos são mais liberais, etc. poderiam ser algumas respostas dadas pelos alunos. Depois, são solicitados a compreender o vocabulário que será exibido na cena selecionada.

A cena acontece no quarto onde um estudante alemão está lendo um livro. Ele divide o quarto com um italiano que havia saído. William, irmão de uma inglesa que vive no albergue, está na Espanha, visitando sua irmã. Ele chega ao quarto do alemão, interrompe seus estudos e fica, a todo momento, comparando as culturas e fazendo piadas, já que a cama do alemão está arrumada e a do italiano está uma bagunça. Por último, William termina ofendendo o alemão, referindo-se a Hitler. Assim, o professor passa a cena selecionada que levanta questões sobre estereótipos e, depois verifica o entendimento sobre o vocabulário e questiona sobre as opiniões dos personagens e a comparação que é feita de acordo com a arrumação do quarto, envolvendo as culturas mencionadas anteriormente. Caso os alunos possuam alguma dificuldade, a cena pode ser passada mais uma vez. Eles discutem as respostas dadas em pares ou pequenos grupos e abrem a discussão. Da mesma forma acontece na conclusão, quando os alunos são levados a refletir sobre as suas opiniões emitidas na primeira etapa sobre as culturas citadas acima, mas também a brasileira, já que muitos costumam criticar e fazer comentários negativos sobre os baianos, paulistas, cariocas, etc.

Na elaboração de atividades com filmes, é importante pensar em temas que permitam ao aluno a reflexão sobre a cultura estrangeira e a sua própria. Para tanto, é importante escolher um material adequado que possibilite a intervenção e reflexão do aluno, convidando-o a interagir e a emitir opiniões de forma crítica.

13 L'AUBERGUE spagnole. Direção: Cédric Klapisch. Roteiro: Cédric Klapisch. Produção: Bruno Levy. Edição: Francine Sandberg. Espanha/ França: Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation, 2002. Duração: 115 minutos.

Uma outra atividade foi desenvolvida a partir do filme “Geração Roubada”¹⁴, o qual considera as questões sobre a imposição de uma cultura sobre a outra. O filme aborda a imposição da cultura inglesa sobre os costumes aborígenes na Austrália, a qual causou danos à cultura local, que foi vista como inferior e atrasada.

Trata-se de uma história real em que expõe o sofrimento das crianças aborígenes que foram separadas de suas famílias, pois os britânicos acreditavam que o casamento entre esses povos iria embranquecer a raça aborígene e ajudá-la a desenvolver-se. A cena selecionada mostra essa separação na qual as crianças aborígenes estão brincando perto da cerca que divide a Austrália de norte a sul, enquanto suas mães estão recebendo alimento fornecido pelos britânicos em uma pequena venda. De repente, surge um oficial britânico em um carro que agarra as crianças e as coloca dentro do veículo. As mães correm, tentam salvar as crianças, mas não podem nada fazer, já que o oficial possui um mandado de ‘apreensão’ das crianças expedido pelo senhor Neville, chefe protetor dos aborígenes. Ele aparece logo depois na cena, mostrando algumas fotos e falando sobre os progressos que os casamentos entre as raças podem trazer à cultura local.

Primeiramente, o conhecimento sobre a cultura aborígene é questionado ao aluno, assim como os acontecimentos sobre a destruição da identidade desse povo. A partir dessa imposição cultural na Austrália e da cena exibida, o aluno é levado a pensar sobre outros acontecimentos na história da humanidade em que alguns homens pensaram ser superiores a outras raças, causando dor e sofrimento àqueles chamados “inferiores”, como foi o caso de Hitler e seu exército em relação ao povo judeu.

Já o filme “Dogville”¹⁵ conduz a discussões sobre as relações humanas, respeito e ainda direitos humanos, principalmente nas relações entre professor e aluno. Na cena selecionada, as crianças estão aprendendo a dividir as palavras quando Jason resolve picotar o dicionário, perguntando à professora se as palavras estão sendo divididas corretamente daquela forma. A professora, então, decide dispensar a classe e conversar com Jason sobre o seu comportamento, mas ele a manipula a ponto de convencê-la a

¹⁴ RABBIT-PROOF fence. Direção: Phillip Noyce. Roteiro: Christine Olsen, baseado em livro de Doris Pilkington. Austrália: Distribuição: Miramax Films / Buena Vista International / Lumière, 2002. Duração: 94 minutos.

¹⁵ DOGVILLE. Direção: [Lars Von Trier](#). Roteiro: Lars Von Trier. França: Distribuição: Lions Gate Entertainment / California Filmes, 2003. Duração: 177 minutos.

bater nele. Daí, pensa-se quais podem ser os problemas envolvidos na educação familiar e escolar, e como as crianças se comportam atualmente nessas duas realidades.

No *warm up*, há o questionamento sobre os prováveis problemas em uma educação permissiva, ou mesmo restritiva. A discussão sobre esse assunto é ampliada a partir da exibição da cena e, na conclusão, há a discussão sobre a existência de uma lei que proíbe o 'tapinha' como forma punitiva e os melhores caminhos na educação de uma criança.

A partir da realização dessas atividades, os alunos são conduzidos a refletirem sobre os assuntos apresentados nas cenas selecionadas dos filmes, de modo a perceberem as diferenças culturais, evitar estereótipos e compreender-se como indivíduo dentro de seu grupo social. As discussões promovidas pelos filmes provocam os aprendizes de língua, os quais emitem opiniões que objetivam a ampliação do conhecimento acerca do assunto e a reflexão sobre as suas atitudes no dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi discutido acima, é possível utilizar filmes como fator desencadeador da competência intercultural no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa. Os elementos culturais podem ser trabalhados juntamente com os linguísticos, enriquecendo a aula ao confrontar a cultura do outro com a sua própria. O professor precisa planejar as atividades e fazer intervenções que possibilitem o desenvolvimento de tais competências.

Ao planejar, portanto, as atividades, o professor pode trabalhar a diversidade cultural na qual o aluno está inserido dentro e fora da sala de aula. Ao unir os aspectos linguísticos aos culturais, a aula pode se tornar mais interessante na percepção das diferenças de valores e de comportamentos de outras culturas e da sua própria, habilitando-o a interpretar e a compreender essas diferenças a fim de despertar a consciência intercultural crítica. Na elaboração de atividades com filmes, é importante pensar em temas que permitam ao aluno a reflexão sobre a cultura estrangeira e a sua

própria. Para tanto, é importante escolher um material adequado que possibilite a intervenção e reflexão do aluno, convidando-o a interagir e a emitir opiniões de forma crítica.

Já os objetivos e as intervenções precisam ser coerentes com o seu conteúdo e planejamento das aulas. A sua elaboração com relação aos aspectos culturais leva algum tempo para ser preparada, tornando-a trabalhosa. A dificuldade em pensar atividades que desencadeiem a interculturalidade pode ser resolvida a partir da participação em seminários, cursos e congressos, bem como leituras a respeito das atuais concepções no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, que são importantes para o professor manter-se atualizado, aprimorando cada vez mais a sua prática pedagógica.

O ensino de língua, dessa forma, não pode estar dissociado da cultura. Porém, é necessário que se elaborem atividades com filmes ou vídeos que funcionam como instrumentos catalizadores na promoção da interculturalidade em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRETTON, Jean-Marie Le. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BYRAM, Michael. **Cultural studies in foreign language education**. Clevedon, Philadelphia: Multilingual Matters LTD, 1987.

BYRAM, Michael; GRIBKOVA, Bella; STARKEY, Hugh. **Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers**, 2002. (versão eletrônica). Disponível em: <<http://lrc.cornell.edu/diretor/intercultural.pdf>>. Acesso em: 25 de out. 2012.

CRUZ, Décio Torres. Alienação e mimetismo cultural no ensino de línguas estrangeiras. In: **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 23-24, jun.-dez. 1999.

CRUZ, Décio Torres. O cinema como linguagem pedagógica/ ideológica para o ensino de línguas estrangeiras: (re) descobrindo a cultura do outro. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise (Orgs.). **Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras**. Salvador: EDUFBA: Instituto de Letras, Departamento de Letras Germânicas, 2004.

DOGVILLE. Direção: [Lars Von Trier](#). Roteiro: Lars Von Trier. Produção: Vibeke Windelov. Fotografia: Anthony Dod Mantle. Desenho de Produção: Peter Grant. Figurino: Manon Rasmussen. Edição: Molly Marlene Stensgard. França: Distribuição: Lions Gate Entertainment / California Filmes, 2003. Duração: 177 minutos.

FREITAS, Cândido M. Varela de. **O currículo em debate**: positivismo-pós-modernismo; teoria-prática. jan. 2006. Disponível em: <<http://www.diversidadecurricular.blogspot.com/>>. Acesso em out de 2006.

GOODE, Tawara D. Competência Cultural. mar. de 1995. Revisado em set de 1999. Disponível em: <<http://www.diversidadecurricular.blogspot.com/>>. Acesso 20 de out. de 2006.

HARMER, Jeremy. **The practice of English language teaching**. 3rd. England: Longman, 2002.

L'AUBERGUE spagnole. Direção: Cédric Klapisch. Roteiro: Cédric Klapisch. Produção: Bruno Levy. Edição: Francine Sandberg. Espanha/ França: Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation, 2002. Duração: 115 minutos.

MCKAY, Sandra Lee. Teaching English as an international language: implications for cultural materials in the classroom. **TESOL Journal**, volume 9, Winter 2000.

RABBIT-PROOF fence. Direção: Phillip Noyce. Roteiro: Christine Olsen, baseado em livro de Doris Pilkington. Produção: Phillip Noyce, Christine Olsen e John Winter. Edição: Veronika Jenet e John Scott. Austrália: Distribuição: Miramax Films / Buena Vista International / Lumière, 2002. Duração: 94 minutos.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Yves; RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSE, Chris. **Intercultural learning**. British Council, Italy, 2003. Disponível em: <<http://www.teachingenglish.org.uk/>>. Acesso em nov. de 2006.

SARMENTO, Simone. Aspectos culturais presentes no ensino de língua estrangeira. In: SARMENTO, Simone; MÜLLER, Vera (Orgs.). **O ensino do inglês como língua estrangeira**: estudos e reflexões. Porto Alegre: APIRS, 2004.

SCOLLAN, Ron; SCOLLAN, Suzanne Wong. **Intercultural communication**: a discourse approach. Oxford: Blackwell, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, estudos culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SIMIONE, Marta Helena Longo. **O ensino da cultura: como e por quê?**: uma breve reflexão sobre teoria e prática aplicadas ao ensino e aprendizagem de LE. 2005. Trabalho não publicado.

SIQUEIRA, Sávio. O desenvolvimento da consciência cultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. In: **Revista Inventário**. 4. ed., jul., 2005. Disponível em: <<http://www.inventario.ufba.br/04/04ssiqueira.htm>. Acesso em 12 de jul. de 2005.

TOSTA, Antonio Luciano de Andrade. Além de textos e contextos: língua estrangeira, poesia e consciência cultural crítica. In: MOTA, Kátia; SCHEYERL, Denise (Orgs.). **Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras**. Salvador: EDUFBA: Instituto de Letras, Departamento de Letras Germânicas, 2004.